REVISTA DA ANPEGE. V. 18. Nº. 35 — ANO 2022 E-ISSN: 1679-768X 25
DOI 10.5418/ra2022.v18i35.15423

OS “VIÚVOS” DA CANA: o fim das migrações sazonais para os canaviais do agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP)

THE ‘WIDOWS’ OF CANE: the end of seasonal migrations for sugarcane plantations of hydroagricultural in the administrative region of Presidente Prudente (SP)

LOS ‘VIUDOS’ DE LA CAÑA: el fin de las migraciones estacionales a los campos de caña en el agrohidronegócio en la región administrativa de Presidente Prudente (SP)

Fredi dos Santos Bento

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT),
Presidente Prudente (SP)
fredi.sousuke@gmail.com

Antonio Thomaz Junior

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT),
Presidente Prudente (SP)
thomazjr@gmail.com

RESUMO

Neste texto temos a intenção de realizar apontamentos e aprofundamentos relacionados ao presente instante vivenciado pelo agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP), que se localiza no que estamos denominando enquanto "Polígono do Agrohidronegócio" no Centro-Sul brasileiro. O objetivo fulcral deste texto diz respeito ao debate sobre os (re) arranjos que se apresentam em uma fase pontuada pela transição técnica/tecnológica nos canaviais dessa região nessa década, com destaque para o redesenho das rotas (trajetórias) migratórias dos trabalhadores que percorrem o território brasileiro, que ao não mais conseguirem se empregar no corte e plantio manual da cana-de-açúcar, passam a condição de 'viúvos da cana', em meio a um cenário de terceirização irrestrita, anulação de direitos, processo de adoecimento e despojamento destes trabalhadores. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e relatos orais junto aos trabalhadores e suas instâncias de representação, os sindicatos dos empregados e trabalhadores rurais.
Palavras-chave: Viúvos da cana. Migrações. Agrohidronegócio canavieiro. Região Administrativa de Presidente Prudente (SP).

ABSTRACT

In this text we intend to make notes and deepenings related to the present moment experienced by the sugarcane agrohydrobusiness in the Administrative Region of Presidente Prudente (SP), which is located in what we are calling the "Hydroagricultural Polygon" in the Center-South of Brazil. The main objective of this text concerns this way, towards the debate on the (re)arrangements that are presented in a phase punctuated by the technical/technological transition in the sugarcane plantations of this region in this decade, with emphasis on the redesign of the migratory routes (trajectories) of workers who travel through Brazilian territory, who are no longer able to employ themselves in the manual cutting and planting of sugarcane, become 'sugarcane widowers', amidst a scenario of unrestricted outsourcing, annulment of rights, process of illness and deprivation of these workers. For this, semi-structured interviews and oral reports were carried out with workers and their representation bodies, employee unions and rural workers.
Keywords: Widows of the cane. Migrations. Sugarcane hydroagricultural. Administrative Region of Presidente Prudente (SP).

RESUMEN

En este texto pretendemos hacer apuntes y profundizaciones relacionadas con el momento presente que vive el agrohidronegocio cañero en la Región Administrativa de Presidente Prudente (SP), que se encuentra en lo que llamamos el "Polígono de Agrohidronegocio" en el Centro-Sur de Brasil. El principal objetivo de este texto se refiere, de este modo, al debate sobre los (re)ordenamientos que se presentan en una fase marcada por la transición técnico/tecnológica en los cañaverales de esta región en esta década, con énfasis en el rediseño de las rutas migratorias (trayectorias) de los trabajadores que transitan por el territorio brasileño, que ya no pueden trabajar en el corte manual y la siembra de caña de azúcar, se convierten en 'viudos de caña de azúcar', en medio de un escenario de tercerización irrestricta, anulación de derechos, proceso de enfermedad y privación de estos trabajadores. Para ello se realizaron entrevistas semiestructuradas e informes orales a trabajadores y sus órganos de representación, sindicatos de empleados y trabajadores rurales.
Palabras-clave: Viudos de la caña. Migraciones. Agrohidronegocio cañero. Región Administrativa de Presidente Prudente (SP).

INTRODUÇÃO

Neste texto temos a intenção de realizar apontamentos e reflexões sobre o período vivido pelo agrohidronegócio[1] canavieiro neste início da terceira década do século XXI, no "Polígono do Agrohidronegócio", que é composto pelos maiores produtores da cana-de-açúcar, situado no Centro-Sul do Brasil. O objetivo fulcral do texto diz respeito assim, a discussão em consideração aos (re) arranjos que se configuram no período marcado pela transição técnica/tecnológica[2] nos canaviais dessa região, com ênfase para o (re) desenho das rotas (trajetórias) migratórias dos trabalhadores que percorrem o território brasileiro, que ao não mais conseguirem se empregar no corte e plantio manual da cana-de-açúcar, passam a condição de 'viúvos da cana', em meio a um cenário de terceirização total, perda de direitos, processo de adoecimento e descarte de sua força de trabalho.

Tal cenário é parte da consolidação da atuação do capital e suas personificações sobre as melhores terras para plantio, com boa fertilidade e relevo pouco acidentado do país, com um bom aporte de recursos hídricos e modais de transporte e logística. Há o rompimento dos obstáculos para o crescimento em escala nacional, já que 85% das terras com lavouras de cana-de-açúcar, ou seja, 10,5 milhões de ha (hectares), se localizam nessa fração do território do país situada no Centro-Sul do mesmo, com ênfase para a área com plantio irrigado de cana que é de 3,5 milhões de ha (CONAB, 2019).

Em contrapartida, também chamamos a atenção para a elaboração de um discurso astucioso erigido pelo agrohidronegócio canavieiro, permeado pelas mudanças nas condições laborais, edificado sob maneiras recentes de controle e gestão de seu trabalho, além da empregabilidade - resultante da mecanização -, através do aperfeiçoamento profissional, empreendimento de tecnologias sofisticadas, pautadas inclusive pela automação do ato produtivo, bem como respeito às leis trabalhistas e possibilidade de que as formas mecanizadas de plantio e colheita da cana não causem danos à saúde dos trabalhadores.

A reestruturação produtiva do capital[3] firmada nos idos de 1970, resulta em transformações profundas no processo de acumulação, engendrando transformações nas relações de trabalho[4], sob consequências lamentáveis para os trabalhadores, ainda mais depauperados pelo capital por conta da adoção do aumento de produtividade, enxugamento da força de trabalho, gestão flexível, da ampliação da produtividade agrícola, do aumento da terceirização[5] e impacta no (re) desenho dos corredores migratórios para o trabalho no corte e plantio da cana-de-açúcar, migrantes estes que visualizamos na condição de 'viúvos', devido as mudanças pelas quais passa o agrohidronegócio canavieiro, com a transição tecnológica em voga nas etapas de corte e plantio, como temos apreendido na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP).

É importante o destaque também para o aparecimento de um discurso astucioso para com o aperfeiçoamento profissional como alternativa de manterem-se no mercado de trabalho, que tem permitido a abertura da via a recriação e modernização de formas análogas de trabalho escravo (CARVALHAL,2004; THOMAZ JUNIOR, 2011; PERPETUA, 2016; THOMAZ JUNIOR, 2018a).

Com respeito as sinalizações práticas da reestruturação produtiva, podemos inquirir e analisar tais agravos não somente como gestão e elaboração laboral, mas também nos instrumentos retrógrados regressivos no que diz respeito à saúde dos trabalhadores, em razão do crescimento cada vez mais considerável do percentual de trabalhadores adoecidos dentro e fora do trabalho, sob o crescimento exponencial das 'doenças ocupacionais', em particular a partir da intensificação das práticas de pulverização aérea com agrotóxicos[6].

Então, depreendemos que em meio à reestruturação produtiva nos canaviais (plantio e colheita da cana), bem como da solidificação de uma alternativa químico-dependente, vem crescendo a degradação sistêmica do trabalho, em virtude, principalmente, do processo de adoecimento e descarte de trabalhadores, que no caso dos migrantes temporários, recebem a alcunha de viúvos desta lavra, como temos acompanhado em nossas pesquisas.

Ou melhor, as personificações do capital ao mesmo tempo em que empreendem a inovação tecnológica no campo, restauram formas de trabalho regressivas, à exemplo da colheita manual cana-de-açúcar, trabalho avulso, com registro precário etc., que resultam não em aprimoramento das condições de vida e trabalho, porém o oposto disso, resultam na inclusão marginal e desvalimento, ocorrendo assim, a coexistência de formas espectrais, pautadas pelo avanço tecnológico (trabalho *part time*, *pejotizado*, *uberizado*, intermitente, sem direitos) e regressivas, haja vista o controle (exploração/subordinação) do trabalho nos canaviais, como resultante dos *novos territórios da degradação sistêmica do trabalho*, que não são tão 'novos'(THOMAZ JUNIOR, 2017;2019).

Dessa maneira, neste texto chamamos a atenção para um dos desdobramentos que compõem os territórios da degradação sistêmica do trabalho, que diz respeito as migrações para o trabalho no agrohidronegócio canavieiro neste início da terceira década do século XXI, pois para além de serem privados do trabalho nos canaviais por não haver mais o mesmo (corte manual), esses trabalhadores estão na realidade privados de qualquer lavra, como discutiremos neste texto, ou seja, privados de manter o movimento migratório, dadas as consequências de um 'casamento' que lhes significou o adoecimento e seu posterior descarte dos canaviais da Região Administrativa de Presidente Prudente-SP.

No entanto, para deslindarmos as incongruências e conflitos que permeiam o trabalho nos canaviais da Região Administrativa de Presidente Prudente (SP), é vital que possamos desfrutar de um aporte teórico e metodológico que dê vazão as mutações que se apresentam para os trabalhadores em geral neste início do século XXI. Ao passo que, temos procurado abarcar a dinâmica conjuntural e estrutural, não só realizamos trabalhos de campo em nossa região de estudo, pois vislumbramos nos trabalhos de campo "um laboratório por excelência dos geógrafos", que adjacente às investigações concluídas por meio de entrevistas semiestruturadas, nos permite analisar a trajetória laboral e familiar dos trabalhadores que pudemos entrar em contato (THOMAZ JUNIOR, 2005).

Em consideração a pesquisa realizada, os resultados presentes neste texto advém de entrevistas semiestruturadas para com os trabalhadores (cortadores manuais, fiscais, tratoristas, motoristas, operadores de colheitadeira e demais trabalhadores empregados, além dos trabalhadores descartados e desempregados, sob o interesse de colhermos relatos orais dos mesmos), essas entrevistas visaram elucidarmos questionamentos à respeito a suas condições de trabalho e saúde, devido a transição tecnológica que se apresenta no agrohidronegócio canavieiro na região de enfoque da pesquisa.

Foram entrevistados assim, 28 trabalhadores migrantes no corte e plantios manuais, 36 trabalhadores regionais nas mais diferentes funções descritas acima. Para os gráficos contidos neste texto que fazem menção aos trabalhadores migrantes, estamos considerando o universo de n=28 entrevistados, para aqueles que consideram outras funções, o universo de n=36 trabalhadores.

Além disso, tentamos desvendar assimetrias em um contexto em que está presente a colheita e plantio manual e os procedimentos e práticas empreendidos no plantio e colheita mecanizados. Da mesma forma, realizamos

entrevistas para com às instâncias de representação dos trabalhadores como os STR's (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), SER's (Sindicato dos Empregados Rurais), além de pesquisas em bancos de dados secundários a exemplo da rede DataLUTA e DataCETAS, etc. todos em escala regional, ou melhor, que abrangem os municípios de enfoque e levantamento bibliográfico em consideração ao temário em apreço deste texto.

Com relação ainda às entrevistas, nos atemos aos pressupostos estabelecidos por Colognese; Melo (1998), já que ao entrevistarmos, realizamos, partindo do princípio de que o trabalhador informante possua informações nos auxiliem no entendimento dos impactos da transição tecnológica no agrohidronegócio canavieiro para os trabalhadores na região de enfoque. Por isso, é que nos utilizamos de entrevistas semiestruturadas e relatos orais, por causa da efetividade destas últimas como uma conversa com finalidade, unificando questões fechadas e abertas, em uma conversa desprovida de impedimentos presentes caso nos guiássemos por um questionário fechado (MINAYO, 2005; SANTOS, et. al, 2014).

Assim, os resultados das investigações realizadas descritas acima serão apresentados neste texto em três seções. A primeira seção versa a discussão sobre a transição tecnológica no agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP), que têm como um de seus desdobramentos a inclusão da região enquanto parte dos corredores migratórios para o trabalho nos canaviais do país.

Entretanto, com o advento da transição tecnológica, tal realidade começa a ser modificada e passa a ocorrer o fechamento dessas rotas e isso impacta no cenário a ser debatido na segunda seção do texto, com a existência do que estamos pontuando enquanto 'viúvos da cana', considerando os trabalhadores, que não mais conseguem se empregar no agrohidronegócio canavieiro. No que tange aos desdobramentos para estes trabalhadores, que para além do adoecimento, também passam a lidar com o descarte de sua mão de obra, e é isso que esmiuçaremos na terceira seção deste texto, ou seja, uma discussão para com a situação laboral/ ocupacional destes trabalhadores.

A transição tecnológica no agrohidronegócio canavieiro na região administrativa de Presidente Prudente (SP) e os desdobramentos para o trabalho

Em meados de 2003, o agrohidronegócio canavieiro experiencia um novo *boom* no que que tange à expansão[7]dos investimentos e atenções com o desenvolvimento dos automóveis com a tecnologia *flex fuel*, que permite a utilização de etanol ou gasolina. Tal expansão deve-se a um novo panorama do comércio interno e externo, elevação dos preços internacionais do petróleo, crescimento da reivindicação interna pelo álcool hidratado, graças ao sucesso dos novos modelos *flex fuel*, "movidos a etanol e gasolina" e os efeitos do Protocolo de Kyoto, que impõe a redução por parte dos países signatários, das emissões de CO_2.

Na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP), a territorialização do agrohidronegócio canavieiro transparece o conteúdo de contradições que frisam a gestão do território efetivada pelo agrohidronegócio canavieiro, tendo em consideração as manifestações e modos que essas personificações do capital vêm realizando a monopolização do território, ou por via da aliança capital/Estado, bem como pelo conflito direto com os camponeses e trabalhadores que laboram nos canaviais da região etc.

Essa região tem sido alvo nestas primeiras décadas do século XXI, do reordenamento territorial promovido pelo agro hidronegócio canavieiro que marcaram (marcam) o território, historicamente permeado pelo *conflito*, associados ao processo de ocupação das terras, que vem ocorrendo desde meados do século XIX, alicerçado à manutenção da presença de terras griladas (LEITE, 1998).

Para tanto, ao trazermos este recorte, é vital destacarmos que a região é disposta em 53 municípios[8], 03 escritórios de desenvolvimento regional (EDR) (Presidente Prudente, Presidente Venceslau e Dracena-SP) e 03 regiões de governo, em uma área de aproximadamente 23.779, 11 mil quilômetros quadrados com uma densidade populacional estimada em 35, 58 (habitantes/km²) (Figura 01).

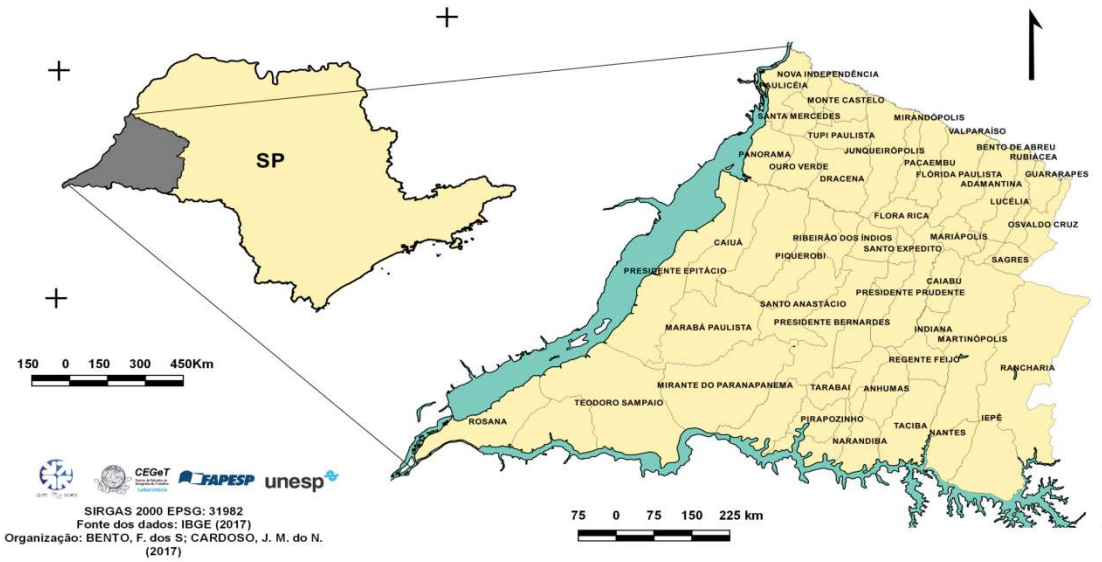


Figura 01- Região Administrativa de Presidente Prudente (SP). Fonte: Pesquisa de Campo (2018). Organização: Autor (2019).

Ao analisarmos os conflitos territoriais que caracterizam essa região, em outros estudos, podemos reforçar a necessidade de entendimento do que Thomaz Junior (2017) assinala como degradação sistêmica do trabalho. Esse autor leva em consideração as conexões entre adoecimento mental e físico dos trabalhadores no agrohidronegócio canavieiro, em meio a grande flexibilização de sua mão de obra, associada às novas formas de administrar e monitorar a força de trabalho empregada (diga-se de passagem: perda de direitos, ampliação do ritmo de trabalho e jornada, desligamentos, desemprego, o não cumprimento da legislação trabalhista), além de ficarem reféns de (contaminação, intoxicação, mutilações), com o aumento do uso de agroquímicos (maturadores, agrotóxicos, adubos, etc.).

A região passou por mudanças consideráveis no que diz respeito a expansão do agro hidronegócio canavieiro após a segunda fase do PRÓALCOOL[9] (Programa Nacional do Álcool), entre 1979 e 1985, com as vantagens creditícias ofertadas para que se desse o cultivo da gramínea, ao mesmo tempo em que, a região viveria o primeiro *boom* do setor, com a implantação de unidades processadoras. Em meados de 2005, se destacaria um segundo grande momento, com os apoios estatais empreendidos, bem como pela ampliação da fabricação de automóveis que dispõem de tecnologia *flex fuel*, havendo então, não somente a expansão da lavoura canavieira, mas a implantação de novas unidades processadoras (BARRETO; THOMAZ JUNIOR, 2012).

A transição técnica/tecnológica é outro processo pelo qual a região tem vivenciado nestas primeiras décadas do século XXI, e isso se notabiliza pelo crescimento do índice de mecanização do corte da cana na região, que já superou a marca dos 90% no ano de 2017, consoante dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA), e rebate na diminuição do número de trabalhadores no corte manual da cana, que no ano supracitado foi

de 3.592 trabalhadores, com 2.020 pertencentes ao EDR de Presidente Prudente, 1.357 ao EDR de Dracena e 215 trabalhadores ao EDR de Presidente Venceslau (Figura 02).

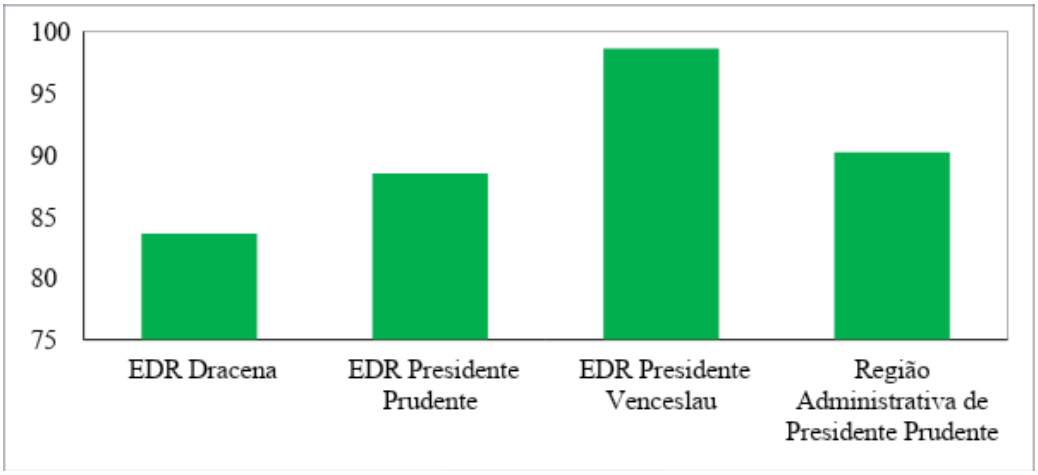


Figura 02- Índice de mecanização por EDR e Região Administrativa Safra 2016/2017. Fonte: IEA (2017). Organização: Autores (2021).

Em contrapartida, deve se ressaltar que a produção mecanizada na safra 2016/2017 referente àquele ano, atingiu a cifra de 35.109.093 milhões de toneladas, enquanto a produção referente a colheita manual, foi de apenas 3.997.776 milhões de toneladas. Esse cenário de brusca diminuição da colheita manual, tem como impacto principal, a ampliação dos desligamentos de trabalhadores em referência as admissões no agrohidronegócio canavieiro não somente na região, por todo o estado paulista (Figura 03).

Admissões e desligamentos no agrohidronegócio canavieiro paulista em 2019 por R.A.			
Regiões Administrativas	**Desligados**	**Admitidos**	**Saldo (Emprego/Desemprego)**
Araçatuba	-7517	7741	-224
Barretos	-6664	7137	473
Bauru	-4840	3871	-969
Campinas	-10983	8645	-2338
Central	-3798	3668	-130
Franca	-3470	3378	-92
Marília	-5378	4647	-731
Presidente Prudente	-4246	4120	-126
Registro	-1	2	1
Ribeirão Preto	-11041	10626	-415
São José dos Campos	-26	49	23
Santos	-2	1	-1
São Paulo	-219	182	-37
São José do Rio Preto	-14354	11700	-2654
São Paulo (Estado)	-72539	65767	-6772

Figura 03- Admissões e desligamentos no agrohidronegócio canavieiro no estado de São Paulo em 2019 por R.A. (Região Administrativa).Fonte: CAGED Estatístico, 2021. Org. Autores (2021).

Isso se percebe nos dados apresentados no quadro da Figura 03, em que o saldo de trabalhadores admitidos e desligados no agrohidronegócio canavieiro, na maioria das regiões administrativas do estado, revela um encolhimento no contingente de trabalhadores, inclusive a de Presidente Prudente (SP), em que foram desligados 4.246 trabalhadores, ao mesmo tempo em que 4.120 foram admitidos, indicando uma diminuição de 126 vagas de trabalho.

Outro desdobramento do processo de transição técnica/tecnológica na região, diz respeito ao aumento do contingente de trabalhadores adoecidos e descartados do setor canavieiro, pois além de não mais conseguirem se empregar, devido a constante diminuição das ofertas de trabalho no corte manual, estes trabalhadores também tem sido vitimados pelo espectro do adoecimento e descarte de sua mão de obra. No entanto, é interessante ressaltar que o processo de adoecimento não atinge somente esta mão de obra, como também os trabalhadores que estão permanecendo, ou seja, aqueles que têm conseguido se empregar no corte e plantio mecanizados, em um processo que passa geralmente por acidentes de trabalho anteriores ao desenvolvimento do processo de adoecimento (Figura 04).

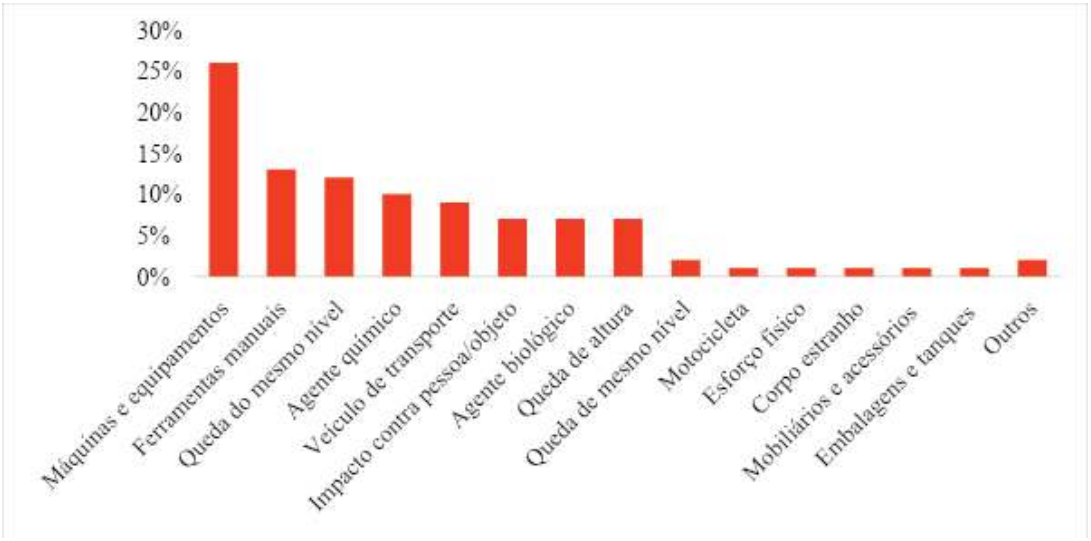


Figura 04- Grupo de agentes causadores dos acidentes de trabalho no cultivo de cana-de-açúcar no estado de São Paulo em 2020. Fonte: INSS-Instituto Nacional do Seguro Social, tratamento e análise: SmartLab, 2020. Organização: Autores (2021).

O gráfico contido na Figura 04 revela que não apenas as ferramentas manuais (corte e plantio manuais), com 13% dos acidentes de trabalho, correspondentes a 97 casos de acidentes em universo de 749 notificados em 2020, como também as máquinas e equipamentos estavam envolvidos em 26% dos acidentes de trabalho, correspondentes a 194 casos, de acordo com dados apresentados pelo INSS, através do Observatório Digital de Segurança e Saúde do Trabalho, estas relacionadas ao plantio e corte mecanizados. Isso se enfatiza, ao analisarmos também as principais funções com casos de notificação por acidentes de trabalho no agrohidronegócio canavieiro paulista, pois não apenas funções relacionadas ao plantio e corte manuais, mas também mecanizados, merecem destaque e despontam com os maiores números de casos registrados. (Figura 05).

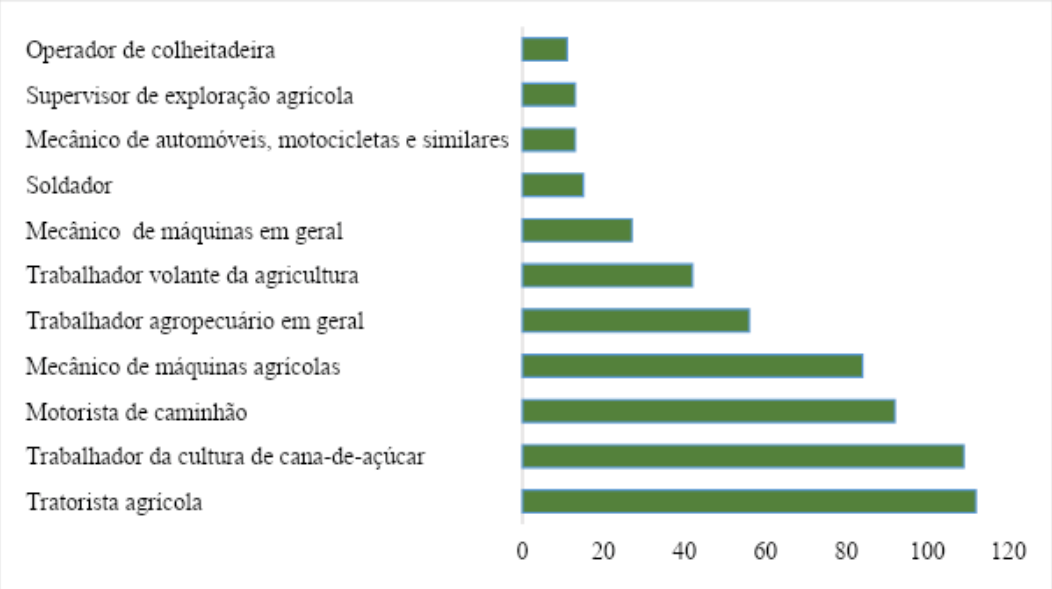


Figura 05- Funções laborais com maior número de casos de notificação de acidente de trabalho no cultivo da cana-de-açúcar no estado de São Paulo em 2020. Fonte: INSS-Instituto Nacional do Seguro Social, tratamento e análise: SmartLab, 2020.

As funções laborais com mais casos de notificação de acidente de trabalho se mesclam entre 'velhas' e 'novas' formas de trabalho, se considerarmos que dentre as funções com mais casos estão: tratorista agrícola com 112 casos registrados, trabalhador da cultura de cana-de-açúcar com 109 casos, além disso, comparecem funções relacionadas ao corte e plantio mecanizados, à exemplo da função de operador colheitadeira, com 11 casos, sendo importante enfatizar que os acidentes de trabalho podem resultar em afastamentos que são registrados ao se contabilizarem os pedidos de auxílio doença acidentário (B91).

Assim, neste processo de transição técnica/tecnológica são marcantes os afastamentos por acidente de trabalho e por doenças ocupacionais, que são os que caracterizam os pedidos na categoria B91[10], e que nos ajudam a clarificar os casos de adoecimento/descarte nas funções relacionadas ao agrohidronegócio canavieiro paulista. É importante pontuarmos que estes afastamentos ocorrem principalmente devido a fraturas ao nível do punho e da mão (CID[11] 10 S-62), do antebraço (CID 10 S-52), da perna incluindo o tornozelo (10 S-82) e lesões no ombro (10 M-75), dentre outras, como comparece nas estatísticas divulgadas pelo Observatório Digital de Segurança e Saúde do Trabalho para o ano 2020 (Figura 06).

Afastamentos CID-B91 no estado de São Paulo no cultivo de cana-de-açúcar em 2020	
Categorias	**Percentual**
S-62 Fratura ao nível do punho e da mão	14%
S-52 Fratura de antebraço	12%
S-82 Fratura da perna incluindo tornozelo	9%
M-75 Lesões do ombro	5%
S-63 Luxação, entorse e distenção das articulações	5%
S-43 Luxação, entorse e distenção das articulações dos ligamentos da cintura	5%
S-72 Fratura do fêmur	5%
S-92 Fratura do pé exceto tornozelo	5%
S-68 Amputação traumática ao nível do pé e da mão	5%
Outras	35%

Figura 06- Afastamentos CID-B91 no estado de São Paulo no cultivo de cana-de-açúcar em 2020.
Fonte: INSS-Instituto Nacional do Seguro Social, tratamento e análise: SmartLab, 2020.

Ao observarmos o quadro da Figura 06, notamos que dentre as principais causas de afastamento no cultivo da cana-de-açúcar, estão lesões e fraturas relacionadas a atividade repetitiva que caracterizam o corte e plantio manual, como as fraturas em nível da mão e do punho, do antebraço, da perna incluindo o tornozelo, lesões no ombro, luxações, entorses, etc., e que não apenas tem potencial para levar aos pedidos de afastamentos, como também a um estágio de adoecimento que façam estes trabalhadores não mais conseguirem permanecer nesta função laboral.

Os episódios de adoecimento e descarte destes trabalhadores em meio a transição técnica/tecnológica perfazem o que logramos pontuar como um processo de *desenvolvimento destrutivo das forças produtivas* no agrohidronegócio canavieiro paulista, eclipsado pelo discurso que se pauta na modernização tecnológica e gerencial que desconsidera as condições salubres de produção, para privilegiar unicamente a redução de custos de produção, o aumento da produção, erradicação da força de trabalho nos canaviais e diminuição dos salários.

Tal perspectiva ocorre pela vinculação entre o trabalho e a saúde que nos dedicamos a produzir, sem deixar de lado os significados atuais que a degradação que recobre as relações sociais de trabalho e de produção, que rebatem também para o ambiente, para a saúde ambiental[12] e que nos possibilita agregar elementos em nossa leitura sobre o fenecimento dos trabalhadores (THOMAZ JUNIOR, 2017).

Dessa forma, a territorialização do agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente-SP, se tem feito a partir da ampliação dos números de produtividade dos trabalhadores, com a racionalização do processo produtivo ao dispor de tecnologias recentes nos canaviais, obtendo assim, ainda mais sobretrabalho. Tal configuração faz parte do processo de reestruturação produtiva no setor e que tem como característica marcante a instabilidade do emprego gerado, pautado pelo estímulo à competição e a produtividade com menor contingente de trabalhadores (PERPETUA; HECK; THOMAZ JUNIOR, 2018).

Assim, apesar de as promessas efetivadas pelo agrohidronegócio canavieiro, à exemplo da qualificação profissional, criação de oportunidades de trabalho na colheita e plantio mecanizados, estímulo em procurar por vagas de operador de transbordo, colheitadeira, tratorista etc., e que se apreende nos canaviais *de jure*, é a degradação e posterior descarte do trabalho, e isso se amplifica ao constatarmos a existência de trabalhadores avulsos na cana-de-açúcar, que para além de polivalentes, são multiprofissionais, caracterizados também por sua

frágil relação de trabalho e pela exigência de silêncio dos mesmos para com a sua situação laboral (BARRETO, 2018; THOMAZ JUNIOR, 2019).

Para além disso, também têm se ampliado as metas de produção/produtividade no setor, que acima das estipuladas na colheita manual, se apresentam na colheita e plantio mecanizados, incentivados pela diminuição dos gastos de produção e crescimento da produção em cada vez menos tempo, numa equação perversa caracterizada pela tecnologia x trabalho, sendo que o estímulo a ampliação da produtividade no corte e plantio manual da gramínea, é efetivado principalmente pelos trabalhadores migrantes temporários, enquanto um dos principais componentes desta equação nas últimas décadas, cenário que passa a transmutar, com estes trabalhadores passando à condição de 'viúvos da cana' como discutiremos na próxima seção.

Os 'viúvos da cana': o fim das migrações sazonais para os canaviais do agrohidronegócio na região administrativa de Presidente Prudente (SP)

Nestas primeiras décadas do século XXI, a Região Administrativa de Presidente Prudente-SP, tem visto crescer a mecanização do plantio e colheita da cana-de-açúcar relacionada as estratégias pelo acesso à terra, a força de trabalho e os recursos hídricos, e que reverberam no destaque para as agroprocessadoras mais tecnificadas, ao mesmo tempo em que se intensificou a precarização do trabalho naquelas que não conseguiram, ou não conseguem, acompanhar o avanço dos demais, no que tange a tecnificação, sendo que é para essas últimas que tem se direcionado as migrações do trabalho para o capital na região.

Quando tergiversamos em respeito a mão-de-obra migrante, faz-se necessário pontuarmos o que estamos concebendo por migração, ou qual tipo de migração estamos tratando, além do que analisamos essas migrações enquanto migrações do trabalho para o capital, sendo necessário a realização de um debate em consideração ao temário das migrações.

Ao propugnarmos o entendimento dessas migrações do trabalho para o capital nestas primeiras décadas do século XXI, é vital que situemos que as teorias basilares que envolvem as migrações partem de uma perspectiva macroeconômica e que não dão conta de objetar inúmeros questionamentos que o fenômeno migratório tem ensejado na presente década, e nessa perspectiva é que Saquet; Mondardo (2008, p.118) apreendem as migrações como produtor e produto de uma "complexa trama territorial entre os territórios de origem e destino" dos trabalhadores migrantes.

Herrera (2012) enfatiza que a temática migratória não é algo de novo ao sol, pois pesquisas relacionadas ao deslocamento populacional, se fazem presentes há décadas na literatura especializada, com ênfase para um viés dito 'modernizador' das migrações, ligada a fatores de expulsão e atração, alusivo a variáveis econômicas, existindo uma divisão entre locais de destino e origem, e esses entendidos como 'unidades sociais autônomas'.

Então, estamos concebendo as migrações do trabalho para o capital, como migrações forçadas, sendo primordial considerarmos o deslocamento em boa parte do ano pelas rotas migratórias no território nacional, empreendido por esses trabalhadores enquanto mão de obra barata para as mais diversas frações do capital no âmbito do território brasileiro, com destaque para sua participação no agrohidronegócio canavieiro, ponto fulcral de nossa análise.

Silva; Menezes (2006, p.04) enseja a interpretação do processo migratório como um processo social e os

trabalhadores migrantes como agentes desse processo, ao mesmo tempo em que, as migrações podem ser lidas pelas autoras como um acontecimento histórico, que tange os que partem e aqueles que escolhem permanecer, através de "elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, vis-à-vis as organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia".

Silva (2005, p.23) ao conjecturar acerca do temário das migrações temporárias, as qualifica como uma estratégia, solução material de duplo sentido, pois se assalariar "permite a compra de alimentos, garantindo, assim, um patamar mínimo de sobrevivência; por outro, a saída da terra corresponde à volta, já que o trabalho assalariado é temporário".

A leitura construída pela autora supracitada, ao compreender as migrações enquanto uma estratégia, é também por nós compartilhada, apesar de nosso entendimento das mesmas vinculado as necessidades do capital em servir-se da força de trabalho. Todavia, não devemos deixar de reflexionar sobre uma série de outros fatores que carecem de serem pontuados ao analisarmos os motivos, bem como as perspectivas dos trabalhadores ao executarem o movimento migratório, enquanto parte do que apreendemos como migrações do trabalho para o capital.

Nesse ínterim, com o avanço da transição tecnológica/técnico-ocupacional no plantio e colheita mecanizados, manifesta-se para a força de trabalho migrante sazonal, reconhecida pelo caráter exploratório que aduz ao corte e plantio manual da cana-de-açúcar, um ambiente permeado pela super exploração do trabalho, que resvala no adoecimento, e o consequente descarte desses trabalhadores no agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente-SP.

Deve se considerar ainda, a (i)mobilidade que a cana-de-açúcar tem imposto a eles em seus locais de origem, imobilização essa totalmente atrelada a longa exposição ao ambiente danoso para sua saúde física e psíquica nos canaviais da região ao efetuarem o movimento migratório nos anteriores ao descarte de sua força de trabalho.

E é nessa perspectiva que retratamos esses trabalhadores como viúvos da cana-de-açúcar neste início do século XXI, pois mais que privados do trabalho nos canaviais por não existir mais o mesmo (corte manual), diferente do quadro pintado nas últimas décadas, marcado pela intensa utilização da mão-de-obra migrante, esses trabalhadores estão na realidade privados de qualquer lavra, ou seja, impossibilitados de manter o movimento migratório, dadas as consequências de um 'casamento' que lhes significou o adoecimento e seu posterior descarte dos canaviais nos locais de destino, à exemplo da Região Administrativa de Presidente Prudente-SP.

O recente período de transição tecnológica/ técnico-ocupacional no agrohidronegócio canavieiro que estamos debatendo neste texto, possibilita uma melhor visualização, quando considerados os protocolos firmados para com o término da atividade de queima (despalha) da gramínea, e que nos aquiesce a questionar os significados do uso da força de trabalho migrante e as implicações para a região, que compõem parte dos destinos migratórios do trabalho para o capital e as causas que tem levado a Região Administrativa de Presidente Prudente-SP a ser um desses destinos.

Com respeito ao redesenho das rotas migratórias dos trabalhadores que percorrem o território brasileiro, é vital manifestarmos nossa compreensão desses trabalhadores como "viúvos da cana", em referência ao que foi noticiado pelo Jornal Folha de São Paulo, no dia 02 de julho 2017, apresentando assim, o fim das rotas migratórias

costumeiras para o plantio e corte manual da cana-de-açúcar, em virtude da transição técnico-ocupacional que o agrohidronegócio canavieiro vivencia nestas primeiras décadas do século.

Barreto (2018) salienta que a atualização da estrutura produtiva no agrohidronegócio canavieiro apresenta duas fases que se entrelaçam, uma ligada ao trabalho vivo e a necessidade de sua substituição pela máquina, com o estabelecimento do controle sobre os trabalhadores, visando a ampliação de sua produtividade através de táticas como a da incorporação de tratores, caminhões, tecnologia de comunicação de ponta e colhedeiras nos canaviais.

A matéria do Jornal acima referido, leva em consideração os trabalhadores descartados pelo agrohidronegócio canavieiro, sob o ímpeto da mecanização do plantio e colheita da gramínea e faz alusão a uma série de depoimentos dos mesmos em respeito a situação vivenciada nos municípios de origem, em virtude da não possibilidade de continuarem a migrar pelo território brasileiro.

> 'Seu sonho era ter uma vida melhor. Para isso, deixava sua família por até nove meses por ano e viajava mil quilômetros até o "eldorado". Hoje 34 anos depois da primeira viagem, acumula dores no corpo e não consegue mais trabalhar. Ainda que conseguisse, não encontraria as vagas de antigamente' (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

O texto do Jornal permite-nos tatear alguns questionamentos já empreendidos ao longo desta pesquisa, tendo em consideração o ambiente de adoecimento e descarte que caracteriza o trabalho nos canaviais do agrohidronegócio canavieiro, especialmente em São Paulo (estado), sendo importante considerar ainda que:

> 'Eles [os trabalhadores] não foram derrotados só pela tecnologia, mas perderam espaço também devido a um acordo que restringiu a queima da palha da cana, responsável por fumaça, fuligem e gases tóxicos, e obrigou as usinas a se mecanizarem cada vez mais' (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

Ao tratar dos casos de adoecimento desses trabalhadores a matéria ajuda a referenciar o que debatemos na primeira seção deste texto, apresentando o expediente regressivo que caracteriza o trabalho nos canaviais, e que são parte de uma realidade não exclusiva apenas dessa região, como se evidencia na matéria do Jornal:

> 'Com mulher e cinco filhos, precisava tentar de novo. Tomava remédio direto e nem cirurgia espírita ajudou, disse Moreira, que mora em Berilo-MG e cortava em média 16 toneladas de cana. Por dia. Conseguiu trabalhar nas safras seguintes, mas, em 2015, começou a perder os movimentos do braço direito usado para cortar a cana. É esforço demais, uma hora o corpo não aguentaria mesmo. Aqui, cria-se vaca, boi e galinha, chove muito pouco, não dá para plantar nada. Tem de tentar fora, e eu conseguia R$ 2.600 com a cana. Hoje vivo na Previdência' (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

> 'Fui cortador e tive colegas que hoje não têm emprego e ficam barrados na Previdência para obter benefício devido às dores. Concedem a eles 90 dias e cobram exames que não temos como oferecer pelo SUS, diz. Há ainda o desgaste psicológico. Sem emprego, entra em depressão. Não temos a quem recorrer para gerar empregos' (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

Ao examinarmos os depoimentos dos trabalhadores no Jornal, é importante depreender que a Região Administrativa de Presidente Prudente-SP, costumava ser uma das rotas migratórias desses trabalhadores advindos de municípios como Berilo, Araçuaí e Francisco Badaró-MG, pois em nossas pesquisas pudemos nos deparar com trabalhadores migrantes estabelecidos advindos destes municípios em Tarabaí e Narandiba-SP, municípios estes que compõem nossa região de enfoque.

A designação desses trabalhadores enquanto viúvos, toma por base o significado etimológico da palavra que não somente diz respeito aqueles a quem o cônjuge faleceu e que não contraíram novo matrimônio, mas

também : desamparo, privação, desconsolo e solidão, sensações e sentimentos que estão vivamente presentes na rotina daqueles que vivenciaram não somente o desterro de suas cidades de origem, e que, neste momento histórico, vivenciam também o rompimento de uma trajetória de vida e laboral que mantiveram ao longo dos últimos anos de suas vidas, ao se deslocarem pelos mais diferentes corredores migratórios para trabalhar em diferentes funções, à exemplo do trabalho no agrohidronegócio canavieiro e que agora encontram-se adoecidos:

> 'Foram 12 anos de cana, estou arrebentado da coluna. Com dor e sem emprego, o melhor foi vir embora. Sofrer por sofrer, melhor sofrer por aqui, disse ele, que usa o terreno da cana para promover festas aos finais de semana' (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

Os viúvos da cana são, então, trabalhadores que, sem a possibilidade de continuarem a migrar pelo território brasileiro, precisam agora enfrentar duas situações distintas, em que aceitem serem cooptados por um discurso pautado na qualificação profissional, ou não mais realizarem o movimento migratório, como consta na reportagem do Jornal Folha de São Paulo, ficando premente assim, o sentimento de desamparo (concernente as perspectivas de sustentação familiar, e de prosseguir na terra, para aqueles que se utilizavam da migração como estratégia para manter-se na mesma).

O sentimento de privação (concernente ao fechamento dos corredores migratórios até então disponíveis e o reordenamento das rotas migratórias) e o desconsolo e a solidão (atinente ao rastro de destruição deixado pelo corte da cana no que tange a saúde dos trabalhadores), também merecem destaque e tomam proporções novas quando tomamos por base a mecanização do corte e plantio da cana, em consequência de os agravos tolherem os trabalhadores inclusive de se empregarem em outras funções dentro e fora dos canaviais.

> P: O que você pensa do corte mecanizado?
>
> E: Foi pior né...porque diz lá que a máquina corta por oitenta peões...imagina esses 80 peões sem serviço, ela tomou a vaga de oitenta trabalhadores do eito, fica ruim é pra nós, põe a máquina lá e vai mandando embora, onde vamos arranjar serviço, bom pra quem controla a máquina, porque sempre vai ter serviço..., mas pra nós não tem... (INFORMAÇÃO VERBAL, Samuel, 25/05/2016)[13].

Os viúvos da cana fazem parte de uma configuração real e perversa que avança sobre os trabalhadores que ao mesmo tempo em que já não encontram a oportunidade de lavra nos canaviais da região, também padecem devido a uma série de agravos para com sua saúde, com o descarte de sua força de trabalho, além de sua invisibilização que nos remete a outro significado dado a palavra "viúvo", que é o da solidão, pois os trabalhadores já não são capazes de enxergar uma 'luz no fim do túnel', no que tange a possibilidade de não apenas manterem-se na terra, quando consideramos os trabalhadores migrantes de origem camponesa, mas também de sobrevivência, ao estendermos o enfoque para os que vivem na cidade.

Ao passo que não devemos desconsiderar que há um elemento/fator de raça-etnia que precisa ser levado em conta nesses deslocamentos, pois boa parte dos trabalhadores que têm realizado o movimento migratório para os canaviais do agrohidronegócio canavieiro, são pretos ou pardos, considerando uma classificação empreendida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Isso nos leva para uma série de preconceitos e estigmas que esses trabalhadores são submetidos, não podendo distanciar nossa leitura do que verifica Fanon (2008), pois "o negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso

retirá-lo" (p.26).

Tal consideração é crucial, porquanto o mesmo autor assevera que duas dimensões marcam os trabalhadores negros, uma delas atinente a seus semelhantes e outra para com os brancos, e isso se reflete na relação entre os trabalhadores e seus superiores, e a condição que obriga ao tratamento para com seus semelhantes de forma diferenciada, como apresentado na relação entre fiscais e cortadores de cana de pele negra que pudemos constatar em nossas pesquisas.

Os viúvos da cana também vivenciam o trânsito entre tempos, relações e contradições sociais diferentes, o que nos permite enxergar nessas migrações temporárias, a materialidade de um processo social que considera ainda, questões referentes aos sentimentos para com as experiências migratórias e as marcas deixadas, já que o retornar periodicamente não garante que se possa efetuar a territorialização perdida no momento da partida (IAMAMOTO, 2001; MARTINS, 2002).

Para com esse aspecto, faz se mister voltarmos nossa atenção à realidade existente na Região Administrativa de Presidente Prudente-SP, que como destacado anteriormente, é uma das rotas desses trabalhadores nessas décadas iniciais do presente século e nos instiga a inquirir quem são os sujeitos migrantes temporários que todos os dias alienam sua mão de obra nos canaviais paulistas, e que neste momento estamos considerando enquanto viúvos da cana.

Quem são os viúvos da cana na região administrativa de Presidente Prudente (SP) em meio a um horizonte de adoecimento e de descarte de sua força de trabalho

Originários sobretudo da região Nordeste do Brasil e do Norte do estado de Minas Gerais, são normalmente (Figura 07), homens negros, pouco escolarizados (ensino fundamental incompleto), na faixa etária entre 18 e 35 anos, e são parte primordial da estratégia de territorialização do agrohidronegócio canavieiro, pois a utilização da força de trabalho migrante nesses tempos de transição tecnológica/técnico-ocupacional, como vimos até aqui, tem se ampliado e isso é perceptível quando olhamos para os municípios da Região Administrativa de Presidente Prudente-SP, com ênfase para aqueles que possuem e/ou possuíam unidades processadoras em estado falimentar.

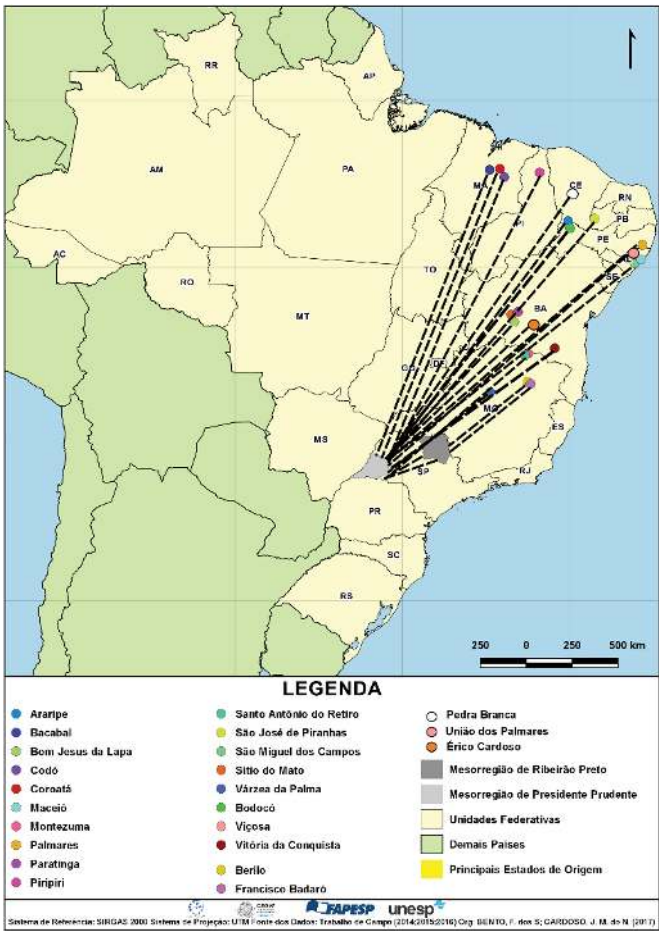


Figura 07- Origem dos trabalhadores migrantes para os canaviais da Região Administrativa de Presidente Prudente (SP).
Fonte: Pesquisa de Campo (2016-2019). Organização: Autores.

No mapa que compõe a Figura 07, estão projetadas as principais cidades de origem que foram pontuadas pelos trabalhadores migrantes entrevistados em nossas pesquisas, de modo que é possível depreendermos que boa parte desses, advém de municípios do Nordeste e da região Norte de Minas Gerais. Importante frisar que sua trajetória laboral muitas vezes perpassa outra Região Administrativa Paulista, com grande presença migrante, que é a de Ribeirão Preto-SP.

Outra face do trabalho nos canaviais empreendido pelos viúvos da cana, leva em conta a precarização e superexploração de sua mão-de-obra em municípios em que ainda se efetua o corte e plantio manual da gramínea, como ficou evidente em nossas pesquisas, ao acompanharmos trabalhadores em situação degradante, pois como ressaltado anteriormente, o fechamento dos corredores migratórios, obriga os mesmos a submeterem-se a uma série de condições semelhantes aquelas existentes há duas, três e quatro décadas atrás, vivendo assim em alojamentos insalubres, com seus direitos trabalhistas negados, em condições de quase escravidão, além de serem coagidos a colherem ainda mais toneladas da gramínea para compensarem a não utilização das máquinas agrícolas.

Em nossas pesquisas nos ocuparam os casos ocorridos nos municípios de Flórida Paulista-SP e Martinópolis-SP, que fazem parte da Região Administrativa de Presidente Prudente-SP, cuja presença desses trabalhadores tem sido acentuada neste início de século. Isso nos provoca a tentar buscar entendimentos em respeito à forma que o

capital exerce o controle social sobre os mesmos dentro e fora dos canaviais, seja através do gato (agenciador), ou seja, através de si próprios, tendo em consideração o controle e vigilância que fazem a si próprios.

Em Flórida Paulista-SP, nos chamou a atenção a participação do STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) do município, pois foi a ele que os trabalhadores recorreram ao perceberem que foram enganados pela usina Cia. Flórida em 2016, que trouxe através de agenciadores (gatos), um contingente de quatrocentos trabalhadores (algo em torno de oito a dez turmas de trabalhadores) advindos dos estados do Piauí, Alagoas e Maranhão (Figura 08).



Figura 08-Movimento grevista conduzido por trabalhadores migrantes em Flórida Paulista-SP.
Fonte: Pesquisa de Campo (2016-2019). Organização: Autores (2021).

Esses trabalhadores experienciaram um verdadeiro inferno, a começar pelo fato de terem sido blindados em alojamentos escondidos no município de Flórida Paulista-SP, inclusive em um distritos rural pertencente ao mesmo, Indaiá do Aguapeí, sendo controlados por agenciadores que além de intimidarem os trabalhadores, ainda os mantinham em alojamentos insalubres, escuros, sem água potável e sem acesso a alimentação, sujeitos a uma série de doenças, bem como a total pauperização, dadas as condições que pudemos constatar em fevereiro de 2016.

Havia assim, alojamentos com até cinquenta e três trabalhadores, sendo estes utilizados enquanto estratégia da usina após ter dispensado cerca de quinhentos trabalhadores regionais, estes despedidos através de telefonemas, e posteriormente contratando os trabalhadores migrantes, que foram agenciados inclusive por figuras conhecidas do município. Na realidade, o golpe aplicado nos trabalhadores regionais e migrantes, começou bem antes de sua contratação, pois em anos anteriores, os trabalhadores agenciados atuavam em outra unidade da empresa no estado de Goiás, como informado pelos representantes sindicais do município que acompanharam o caso.

É dessa maneira, que figura a estratégia do agrohidronegócio canavieiro, pois para exercer o controle sobre os trabalhadores, primeiro vem as promessas de emprego, bons salários e em dia, que posteriormente são travestidos em precarização, blindagem, contratação sem anuência das leis trabalhistas e invisibilização em alojamentos (Figura 09), bem como por sua superexploração nos canaviais.



Figura 09-Alojamento em condições precárias em Indaiá do Aguapeí. Fonte: Pesquisa de Campo (2016-2019). Organização: Autores (2021).

Esse cenário de superexploração do trabalho nos canaviais, nos permite dar seguimento ao entendimento em respeito a situação desses trabalhadores, que ao não mais encontrarem a oportunidade de trabalho nos canaviais paulistas, acabam traçando novas rotas migratórias e se submetendo a uma série de atividades disponíveis nas regiões de destino, como é o caso verificado na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP).

Afinal, se por um lado, alguns trabalhadores migrantes se qualificaram e passaram a exercer outras funções no agrohidronegócio canavieiro, outros estão empregados em funções extremamente precarizadas, trabalhando enquanto avulsos em fazendas com lavouras de cana, ou na diária, colhendo gêneros como batata-doce, como pudemos testemunhar em nossas pesquisas na região e por fim há aqueles que não tem tido outra escolha que não seja a do retorno para a terra natal, fazendo parte do grupo que estamos considerando enquanto viúvos da cana (Figura 10).

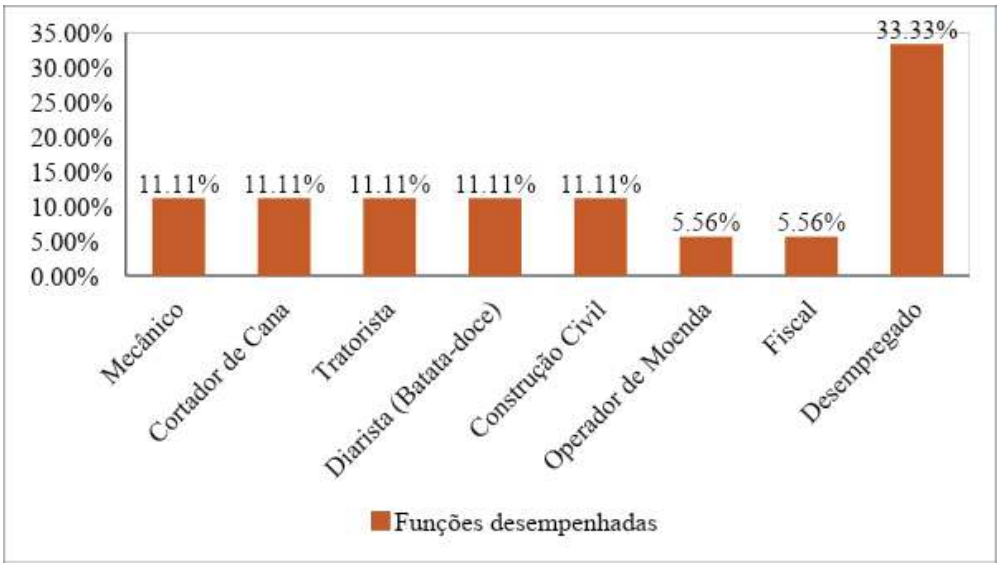


Figura 10- Funções desempenhadas pelos trabalhadores entrevistados. Fonte: Pesquisa de Campo (2016-2019). Organização: Autores (2021).

O gráfico contido na Figura 10 salienta outro lado do processo de transição tecnológica nos canaviais da região, que é o do desemprego, com 33% dos trabalhadores entrevistados, encontrados nesta situação, visto que se o adoecimento e o descarte de trabalhadores são duas das faces do atual período vivenciado pelo setor canavieiro, o desemprego é um aspecto que está enraizado em todos os outros, em virtude de atingir não apenas os trabalhadores regionais, como também os viúvos da cana, que apesar da constante mudança de lavra a que se submetem, não mais tem êxito em empregarem-se nos canaviais paulistas, salvo nas condições descritas em Flórida Paulista-SP, em situação degradante.

Para tanto, é crucial frisarmos que dentre os principais motivos que continuam a levar os viúvos da cana a migrarem, estão a busca por melhores oportunidades de trabalho, melhoria de vida e de remuneração e consequentemente o cenário de desemprego a que são submetidos. Apesar do período marcado pelo descarte e adoecimento dos trabalhadores no agrohidronegócio canavieiro, mantém-se assim, a perspectiva de se aferir melhores oportunidades de trabalho e busca pela 'mudança de vida', em razão das parcas oportunidades em seus municípios de origem.

> P: Quais seus objetivos ao migrar?
>
> E: Eu estava desempregado lá também e todo mundo falando, falando...porque tipo assim você vai ganhando dinheiro aqui [local de destino], só que fica um pouco...lá o dinheiro só vai...e quando acabar o dinheiro, como é que vou sobreviver, porque tenho mãe e irmã...então eu tenho que cair no mundo... (INFORMAÇÃO VERBAL, Samuel, 20/05/2016).

Ao refletirmos sobre as declarações realizadas por esses trabalhadores, é preciso nos atermos ainda ao fato de que boa parte dos mesmos não possuem sequer o ensino fundamental completo (Figura 11), o que nos consente estocar novamente o discurso da qualificação profissional, posto que os viúvos da cana não têm a possibilidade de realizar esses cursos, pois na realidade, sequer tiveram a oportunidade de ir à escola regular.

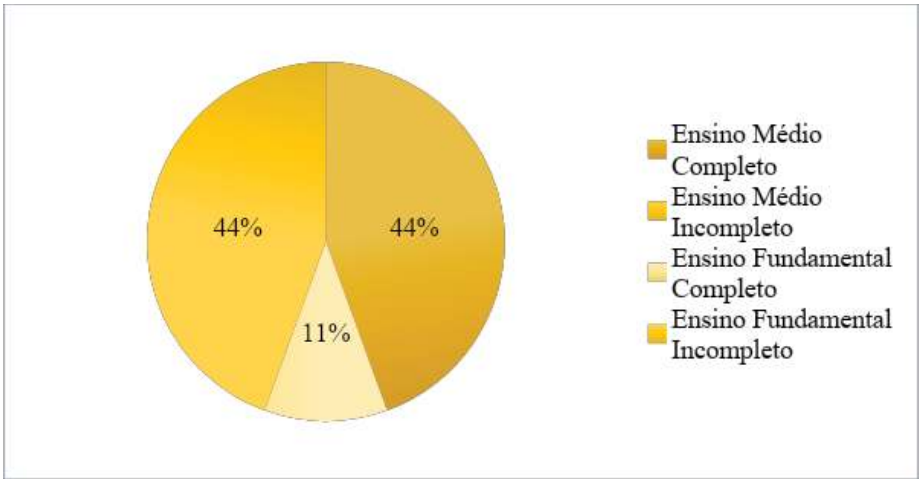


Figura 11 - Escolaridade dos trabalhadores migrantes entrevistados. Fonte: Pesquisa de Campo (2016-2019). Organização: Autores (2021).

O gráfico contido na Figura 11 nos assente a compreensão de que apesar de 45% dos trabalhadores migrantes entrevistados possuírem ensino médio completo, cerca de 44% não possuíam sequer o ensino fundamental completo na data da entrevista, de modo que dificilmente conseguiriam começar um curso de aprimoramento profissional daqueles propalados pelo agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente-SP.

Esses argumentos nos aquiescem na construção de uma leitura do perfil dos viúvos da cana na região, porquanto o amplo quadro de adoecimento e descarte e isso se expressa quando se põe em debate a presença de incômodos e doenças ocupacionais vivenciadas pelos mesmos e que se apresentam enquanto empecilhos não apenas para a realização de sua lavra, como também na própria manutenção do movimento migratório como destacado anteriormente.

Entre as incômodos e doenças ocupacionais prevalecentes na classe trabalhadora brasileira, principalmente para aqueles trabalhadores que realizam movimentos e ações repetidos, sendo esse o caso do trabalho no agrohidronegócio canavieiro, citamos as bursites, tendinites, câimbras, lombalgias e dores de cabeça, assim como quadros mais graves envolvendo hérnias, e que nos possibilitam estabelecer que para além do despojamento dessa força de trabalho, ocorre também, a condenação desses trabalhadores a uma vida 'cheia de dor e sofrimentos', em virtude dos danos gerados para com a saúde dos mesmos durante anos de lavra nos canaviais da região (Figura 12).

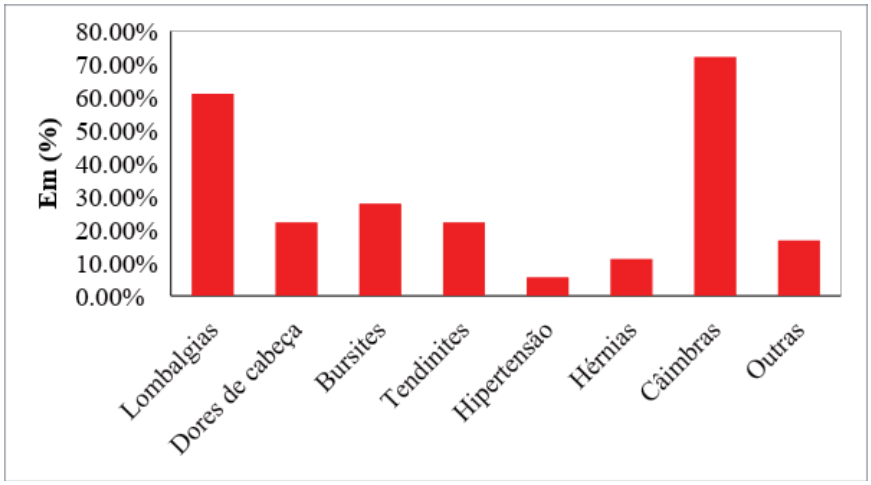


Figura 12- Principais doenças e incomodações ocupacionais que afetam os trabalhadores migrantes entrevistados.
Fonte: Pesquisa de Campo (2016-2019). Organização: Autores (2021).

Por esse viés, destacamos não somente a insegurança do trabalho efetivado por esses sujeitos, como também as relações sociais travadas, uma vez que a subordinação desses a um grande contingente de limitações para com sua autonomia e liberdade, à exemplo da condição visualizada em alojamentos paupérrimos comprovada nas nossas pesquisas, com a ocorrência de trabalhadores impedidos de efetuarem necessidades basilares de higiene pessoal, bem como da liberdade de circulação, que não estivesse autorizada pelos arregimentadores que os monitoravam.

Os viúvos da cana estão expostos assim, a uma série de contradições encimadas na superexploração de sua força de trabalho nos canaviais, seja através de contratos fraudulentos, visto que ao chegarem aos municípios de destino e não conseguirem a oferta de trabalho esperada nos canaviais, os mesmos se sujeitam a uma série de atividades laborais sem quaisquer amparos em leis trabalhistas, como é o caso dos trabalhadores avulsos citados anteriormente.

> P: Quais as condições de trabalho desses trabalhadores?
>
> E: Ônibus quebrado...era pra eles chegarem sete e meia-oito horas da noite, esses caras que era para o Ministério do Trabalho pegar...esses caras contratam por três meses, cada três meses num lugar, numa fazenda, aí quando dá três meses, eles mudam de lugar, mudam de fazenda, e fazem um contrato com a fazenda...não é com o trabalhador [mudança de expressão na face]...o

> trabalhador é avulso, o contrato é com a fazenda...pra terminar o serviço da fazenda...e esses são os verdadeiros aliciadores de pessoas.
>
> E:Ou seja, não tem nada...ônibus irregular, EPI's não tem...avulsos eles socam lá no fundão... [do ônibus], no meio dos migrantes tinham os avulsos, mas também haviam migrantes trabalhando enquanto avulsos (INFORMAÇÃO VERBAL, STR de Flórida Paulista, Roseli, 28/06/2017).

Esses trabalhadores terminam assim, enquanto parte das estatísticas de adoecimento que tem como resultado final, o descarte de sua força de trabalho pelo agrohidronegócio canavieiro, de maneira cada vez mais rápida, com trabalhadores afastados muitos anos antes de terem direito à aposentadoria, em consequência de não terem a idade necessária para solicitar tal benefício, além das dificuldades colocadas para a solicitação ou manutenção do auxílio doença[14].

> P: Há registro de trabalhadores migrantes estabelecidos que recebem auxílio-doença por conta de adoecimento no trabalho na agroindústria canavieira?
>
> E:Muito né...têm vários...muitos anos trabalhando, eles tem aquela artrite, artrose...coluna, têm muitos né..., aí vai diretamente para o INSS, aí fica um tempo encostado, outros veem que não tem condição de voltar a trabalhar, aí eles aposentam, agora a mão de obra tem pouca gente... com o avanço do maquinário... mas quando era mão de obra...o que tinha de gente encostada... era muita gente...coitadas das pessoas que estão sendo cortadas, e estão tendo que trabalhar sem aguentar... (INFORMAÇÃO VERBAL, STR Flórida Paulista, Roseli, 28/06/2017).

Em contrapartida, para os trabalhadores que ainda conseguem manterem-se migrando, é necessário estabelecermos uma relação com o que Menezes (2012) assinala enquanto necessidades de consumo das famílias dos mesmos, seja através da compra de bens, móveis, terrenos, como até mesmo um projeto mais ambicioso, que é o de não mais precisarem migrar, ou seja, o projeto de 'ficar' em seus municípios de origem.

Outro ponto que deve ser enfocado, diz respeito a socialização desses trabalhadores desde muito jovens no trabalho na terra, em uma perspectiva defendida por Silva (2011), haja vista, que esses trabalhadores desde pequenos "manuseiam enxadas, enxadões, machados e desempenham tarefas sob o sol forte, chuvas etc... ainda que sejam analfabetos ou possuam pouca escolaridade, preenchem os requisitos exigidos pelas empresas" no corte da cana ou em outras atividades (p.06).

Lizarazo (2018) aponta para os herdeiros e órfãos da gramínea, afirmando que os trabalhadores migrantes mais jovens, designados pelo autor enquanto 'herdeiros da cana', são responsáveis pela construção de um novo perfil mais voltado para a escolaridade e o ritmo de trabalho colocado pelo corte e plantio mecanizados.

Em alusão a essa afirmação, é importante sinalizarmos para o fato de que nem todos esses trabalhadores mais jovens e qualificados, serão absorvidos pelo setor, fazendo parte do exército de mão-de-obra reserva, como temos comprovado em nossas pesquisas, pois muitos encontram-se desempregados ou trabalhando em outras funções laborais como apresentado neste texto, seja como trabalhadores avulsos, ou enquanto diaristas nas mais diferentes lavouras.

Essas e outras indagações nos fomentam a continuar a apreender tal cenário no agrohidronegócio canavieiro da Região Administrativa de Presidente Prudente-SP à luz de uma leitura geográfica do trabalho, encimada na discussão em respeito as migrações do trabalho para o capital, em razão da urgência dos temas que analisamos neste texto, além dos desdobramentos que tem se desenhado para os viúvos da cana, no que toca a manutenção do seu movimento migratório em meio a um cenário de adoecimento e descarte de sua força de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalharmos com a perspectiva de entendermos esses trabalhadores migrantes temporários, enquanto viúvos da cana, tivemos a intenção de chamar a atenção para aqueles trabalhadores que se encontram à margem, visto que apesar de muitos ainda resistirem e tentarem migrar, há, não somente o fechamento dos corredores migratórios, como também o próprio fechamento da possibilidade dos mesmos, não apenas de migrarem, mas de desempenharem qualquer atividade laboral, devido ao espectro de adoecimento que ronda esses trabalhadores.

Outra consideração importante, remete-se a nomenclatura por nós utilizada, ao visualizarmos esses trabalhadores enquanto viúvos da cana e não somente como 'órfãos', como destacado na matéria do Jornal por nós apresentada neste texto, pois nós estamos qualificando um tipo de função laboral que tende a desaparecer, ao mesmo tempo em que difere dos chamados 'herdeiros' da cana, pois o que de fato os viúvos da cana têm herdado em sua maioria, são doenças e incômodos ocupacionais e outras doenças relacionadas ao corte e plantio manual e o consequente descarte de sua força de trabalho nos canaviais.

E se os trabalhadores migrantes temporários são os viúvos da cana, não podemos deixar de considerar que alguns deles também poderem ser em uma leitura de Lizarazo (2018), herdeiros da mesma, haja vista, sua perspectiva de manterem-se migrando, e isso se reflete na busca pela qualificação profissional que em tempos de reestruturação produtiva, atrai principalmente os trabalhadores mais jovens.

Entretanto, os viúvos da cana não podem ser entendidos somente pelo trabalho manual nos canaviais, mas também o mecanizado, posto o que pudemos apreender, dados os agravos para a saúde física e psíquica desses trabalhadores também existirem no corte e plantio mecanizados, e que nos possibilita refletir que os 'herdeiros' da cana, também podem ser os futuros viúvos da mesma, em razão de que o adoecimento e o descarte de trabalhadores, não ocorre somente nas funções manuais, ocorrendo conjuntamente nas funções caracterizadas pelo trabalho mecanizado.

Ao refletirmos assim, com a noção de viúvos da cana, não estamos realizando uma leitura semelhante àquela do Jornal Folha de São Paulo, trazida neste texto, que pontua enquanto 'órfãos', os trabalhadores que não mais têm acesso ao corte manual, seja por ele não mais existir, como pelo próprio adoecimento e descarte sob os quais esses trabalhadores se encontram. Porém, quisemos ir além, já que o ser viúvo, está relacionado com a impossibilidade desses trabalhadores em continuar a alienar sua mão-de-obra no agrohidronegócio nas mais diversas funções, e não somente o corte e plantio da cana-de-açúcar, embora grande parte desses trabalhadores migrem com o intuito de trabalharem nestas funções.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M.J.; THOMAZ JÚNIOR, A. O cenário do agronegócio canavieiro na região do Pontal do Paranapanema-SP. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21, 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: [s/n], 2012

BARRETO, M.J. **Novas e velhas formas de degradação do trabalho no agrohidronegócio canavieiro nas regiões administrativas de Presidente Prudente e Ribeirão Preto**. 2018.377f. Tese (Doutorado em Geografia) -Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

BENTO, F.S.; THOMAZ JUNIOR, A. A dinâmica geográfica do trabalho encimada nas migrações sazonais para os canaviais do Pontal do Paranapanema (SP), no início do século XXI. **PEGADA**-A Revista da Geografia do Trabalho, v. 16, n. 1, 2015.

BENTO, F.S.; THOMAZ JUNIOR, A. Os desafios para a construção de uma Geografia do Trabalho no início do século XXI em meio ao adoecimento e descarte de trabalhadores no agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP). **PEGADA**-A Revista da Geografia do Trabalho, v. 20, n. 1, 2019.

BRAY, S.C.; FERREIRA, E.R.; RUAS, D. G.G. **As políticas da agroindústria canavieira e o PROÁLCOOL no Brasil**.1. ed. Marília: Editora da UNESP, 2000, 104p.

CARVALHAL, M.D. **A dimensão territorializante da qualificação profissional em São Paulo**: a ação dos sindicatos. 2004.347f. Tese (Doutorado em Geografia) -Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

COLOGNESE, S.A; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143 – 159, 1998.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar**. Segundo levantamento – Safra 2019/19, Brasília, v. 7, n. 2, 2020. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cana/boletim-da-safra-de-cana-de-acucar/Downloads/BoletimZCanaZ1ZLevantamentoZ19-20.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Órfãos da cana**, domingo, 02 de julho de 2017.

HESPANHOL, I. Um novo paradigma para a gestão de recursos hídricos. São Paulo, **Estudos Avançados**, n.63, vol.22, p.131-158,2008.

HERRERA, G. La migración vista desde el lugar de origen. **Revista de FLACSO**-Ecuador, n.15, enero, 2003.

IAMAMOTO, M. **Trabalho e indivíduo social**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001, 294p.

LEITE, J. F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. 1. ed. São Paulo: Hucitec: Fundação UNESP, 1998, 202p.

LIZARAZO, R.P. **Mobilidade territorial do trabalho de jovens rurais em territórios do agrohidronegócio de cultivos flexíveis**. Palma de azeite nos Departamentos de Meta e Casanare (Colômbia) e cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema (São Paulo, Brasil). 2018.391f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências

e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

LUKÁCS, G. **Por uma ontologia do ser social I**. 1.e.d. São Paulo: Boitempo, 2012, 434p.

MARTINS, J.S. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 228p.

MENDONÇA, M. R.; MESQUITA, H. A. O agro-hidro-negócios no cerrado goiano: a construção das (re) sistências. II ENCONTRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DE BARRAGENS, Salvador, 2007. **Anais...,** Salvador, 2007.

MENEZES, M.A.M. Família, juventude e migrações. **Revista Anthropológicas**, Recife, vol.23, n.1, p.113-136, 2012.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G. SOUZA, E. R.(orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagens de programas sociais.1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005,244p.

PERPETUA, G.M. **Pilhagem territorial, precarização do trabalho e degradação do sujeito que trabalha**: a territorialização do capital arbóreo-celulósico no Brasil contemporâneo.2016. 370f.Tese (Doutorado em Geografia) -Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

PERPETUA, G.M.; HECK, F.M.; THOMAZ JUNIOR, A. Território, trabalho e saúde do trabalhador: uma aproximação necessária. Goiânia, **Boletim Goiano de Geografia**, v.38, n.1, jan-abr.,2018, p.27-48.

RIGOTTO, R. Saúde ambiental e saúde dos trabalhadores: uma aproximação promissora entre o verde e o vermelho. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, vol.6, n.4, p.388-403, 2003.

ROSA, I. F.; PESSOA, V. M.; RIGOTTO, R. M. Introdução: agrotóxicos, saúde humana e os caminhos do estudo epidemiológico. In: RIGOTTTO, R.M. et al. **Agrotóxicos, trabalho e saúde**: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no Baixo Jaguaribe-CE, 2011.

SANTOS, J. B. F. dos; OSTERNE, M. do S. F.; ALMEIDA; R. de O. A entrevista como técnica de pesquisa do mundo do trabalho. In: ALVES, G. A. P.; SANTOS, J. B. F. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa sobre o mundo do trabalho**. 1 Ed. Bauru: Editora Praxis, 2014. v. 1. 203p.

SARON, F.A.; HESPANHOL, A.N. A expansão recente do setor sucroenergético no Brasil: velhas e novas questões. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 22, 2014, Natal. **Anais...**Natal, p.813-825, 2014.

SAQUET, M.A.; MONDARDO, M.L. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista Mera**, Presidente Prudente, ano 11, n.13, p.118-127, jul-dez, 2008.

SILVA, M.A.M. Trabalho e trabalhadores na região do "mar de cana e do rio de álcool". **Revista Agrária**, São Paulo, n.2, p.02-39, 2005.

SILVA, M.A.M. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. **Revista Perspectivas**, São Paulo, vol.39, p.11-46, jan-jun, 2011.

SILVA, M.A.M.; MENEZES, M.A. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões. In: **Revista Eletrônica do NEAD**, Brasília, no prelo, 2006.

TORRES, A.T.G. **A luta de classes pela água**.2007.179f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande.

THOMAZ JUNIOR, A. **Geografia passo-a-passo**: (ensaios críticos dos anos 90). 1. ed. Presidente Prudente: Editorial Centelha/CEGeT, 2005, 176p.

THOMAZ JUNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI**. (Limites explicativos, autocrítica e limites teóricos). 2009. 997f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

THOMAZ JUNIOR, A. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. Uberlândia, **Revista Campo-território**, vol.5, n.10, p. 92-122, agosto de 2010.

THOMAZ JUNIOR, A. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. **Revista da ANPEGE**, vol.7, n.1, número especial, p.307-329, outubro de 2011.

THOMAZ JUNIOR, A. Degradação sistêmica do trabalho no agrohidronegócio. **Mercator**, Fortaleza, vol.16, 2017.

THOMAZ JUNIOR, A. Geografia do Trabalho por Inteiro, **PEGADA**-A Revista da Geografia do Trabalho Presidente Prudente, V.19, N. 2, 2018a, p.6-56. Disponível em: http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6000

THOMAZ JUNIOR, A.**Os novos territórios da degradação sistêmica do trabalho**. Mimeog., 2019 Disponível em: http://gege.fct.unesp.br/thomaz/Geografia%20do%20Trabalho%20-%202019/THOMAZ%20-%20Novos%20Territ%F3rios%20da%20Degrad%20Sist%EAmica%20do%20Trabalho-Final.pdf

NOTAS

[1] Ao falarmos do agrohidronegócio, destacamos o Polígono do Agrohidronegócio que contempla diversas formas de expressão do agronegócio (soja, milho, eucalipto) e está assentado sobre a Bacia do Paraná em um território que compreende o Oeste de São Paulo, o Leste do Mato Grosso do Sul, Norte-Noroeste do Paraná, Triângulo Mineiro e Sul-Sudoeste de Goiás, em que comparece a maior área com plantação de cana-de-açúcar do Brasil, havendo também a maior concentração de plantas agroprocessadoras e de produção de etanol e açúcar do país. Thomaz Junior (2009;2010) postula que o agronegócio não pode ser apenas relacionado à monopolização das terras, como também pelo acesso ao controle da água, além das demais cadeias produtivas, comercialização, sendo parte de um processo em que as frações do território em disputa têm expressado uma nova Geografia da cana no espaço agrário, consolidando o poder de classe do capital sobre as melhores terras agricultáveis e planas do país, com melhor disponibilização dos recursos hídricos. Na Geografia, sinalizamos em relação a essa discussão, pesquisas em que comparecem termos como hidroterritórios, em que há a inter-relação entre o controle do território e da água como os realizados por Torres (2007), bem como a discussão feita por Mendonça; Mesquita (2007) enfatizando os agro-hidro-negócios e as (re) existências no Cerrado, além dos estudos realizados por Hespanhol (2008) em "Um novo paradigma para a gestão dos recursos hídricos".

[2] Neste texto ao tratarmos do processo de transição técnica/tecnológica, o analisamos como expressão da reestruturação produtiva no agrohidronegócio canavieiro neste início da terceira década do século XXI, materializada na mudança do corte e plantio manual para o mecanizado, nos canaviais brasileiros, além das transformações no que diz respeito as relações de trabalho e qualificação de trabalhadores dentro e fora dos canaviais (BENTO, 2015; 2019).

[3] Nossa compreensão da reestruturação produtiva parte das mudanças constantes e rápidas nos processos produtivos reestruturados, com a disseminação da terceirização, desespecialização e polivalência dos operários qualificados que se transformam em multifuncionais, havendo ainda superqualificação/desqualificação do trabalho e intensificação da exploração do trabalho, horas extras, fim das Comissões de Fábrica, além da existência dos Círculos de Controle de Qualidade (CCQ), ligado à participação nos lucros e nos resultados (PLR), sindicalismo por empresa etc. (THOMAZ JUNIOR, 2019).

[4] Neste texto, consideramos o trabalho como condição de existência do homem, visto que o trabalho apresente uma dupla transformação, haja vista ao mesmo tempo em que o homem que trabalha é transformado por seu trabalho, ele também atua sobre a natureza e a transforma, relação que configura a interação dos homens com a natureza a partir do trabalho. É necessário destacar que o trabalho permite a passagem do ser em si do homem para ser para si, permitindo a "transformação material da realidade material. Todavia, também estamos considerando o trabalho como categoria fundante para o entendimento da estrutura espacial, da dinâmica territorial, ou do espaço geográfico, pois a totalidade do trabalho se constitui no edifício teórico-político-ideológico da dinâmica geográfica das lutas e dos embates de classe" (LUKÁCS, 2012, p.285-286; THOMAZ JUNIOR, 2017).

[5] Com relação a terceirização, sinalizamos o Decreto 9.507/2018, que permite a terceirização do setor público.

[6] A partir de 2008, o Brasil passou a ser o maior consumidor mundial de agrotóxicos, sendo que uma vez absorvidos, estes podem causar uma série de desordens na saúde humana, de natureza aguda , subaguda ou crônica,

podendo ser caracterizados com relação a sua periculosidade como: altamente, muito, pouco ou apenas perigoso, classificados a partir dos organismos vivos a serem combatidos: inseticidas, fungicidas, herbicidas, raticidas, acaricidas, desfolhantes, fumigantes, nematicidas e molusquicidas, bem como pelo grupo químico: organoclorados , organofosforados, carbamatos, piretróides, piretrinas, derivados de ácido fenoxiacético, dinitrofenóis, dipiridílicos, ditiocarbamatos, triazinas, glifosatos etc. (ROSA; PESSOA; RIGOTTO; 2011).

[7] A expansão do agrohidronegócio canavieiro se faz estipulada pela incorporação de terras ou arrendamento das mesmas e o controle sobre a água, que abarca um novo ciclo de modernização e que tem permitido a territorialização em áreas não tradicionais, além de ter aberto espaço para a participação de capitais estrangeiros. Devem ser destacados os investimentos empreendidos por grupos como ADM, Bunge, Cargill, Louis Dreyfus, UMOE AS, Shree Renuka e Shell através de joint venture com a Cosan, em que nasceu a Raízen, e outros grupos como o Tereos que adquiriu ações da Guarani Açúcar e Álcool, em Olímpia, anteriormente pertencente à Petrobras, etc. Outro destaque vale para a abertura de capitais na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuro de São Paulo (BM&F Bovespa) (THOMAZ JUNIOR, 2010; SARON; HESPANHOL, A., 2014).

[8] A Região Administrativa de Presidente Prudente (SP) é formalizada pelos seguintes municípios: Adamantina, Alfredo Marcondes, Álvares Machado, Anhumas, Caiabu, Caiuá, Dracena, Emilianópolis, Estrela do Norte, Euclides da Cunha Paulista, Flora Rica, Iepê, Indiana, João Ramalho, Junqueirópolis, Lucélia, Marabá Paulista, Martinópolis, Mirante do Paranapanema, Monte Castelo, Nantes, Narandiba, Nova Guataporanga, Ouro Verde, Panorama, Pauliceia, Piquerobi, Pirapozinho, Presidente Bernardes, Presidente Epitácio, Presidente Venceslau, Rancharia, Regente Feijó, Ribeirão dos Índios, Rosana, Sandovalina, Santa Mercedes, Santo Anastácio, Santo Expedito, São João do Pau-d'alho, Tupi Paulista, Taciba, Tarabaí e Teodoro Sampaio.

[9] A ação do governo do estado de São Paulo na região se destacou através da instalação do Pró-Oeste (Procana), em 1980, que tinha por direcionamento a implantação de novas destilarias, além da criação de uma política energética, que se remeteu na instalação de agroindústrias canavieiras durante o auge do PRÓALCOOL. Todavia, o Pró-Oeste se notabilizou não pela expansão do setor nas chamadas 'áreas prioritárias', à exemplo da Região Administrativa de Presidente Prudente (SP), tendo então um efeito oposto, com o fortalecimento de áreas tradicionais do estado para o cultivo da gramínea (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000).

[10] O auxílio doença acidentário (B91) se caracteriza pela incapacidade relacionada obrigatoriamente com a atividade que o trabalhador exerce e que tem como causa acidentes de trabalho, trajeto e doenças ocupacionais relacionadas a função.

[11] A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), ou Classificação Internacional das Doenças (CID 10), é publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e objetiva a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde, e é largamente utilizada pelo INSS para a concessão de benefícios de auxílio doença acidentário e aposentadorias por invalidez relacionadas a função laboral.

[12] Em consideração a saúde ambiental, estamos levando em consideração as transformações no meio ambiente, alterações estas no nível bioquímico e que representam um grande risco para a saúde pública, tornando necessário o monitoramento de águas, solos, ar e alimentos, sendo importante considerar os diferentes tipos de indicadores biológicos para inferir efeitos na saúde humana.

[13] Usamos pseudônimos para proteger o anonimato dos trabalhadores entrevistados., sendo que em nossas entrevistas, nos utilizamos das nomenclaturas, P=pesquisador, E=entrevistado.

[14] Há aqui referência a um pente fino realizado pela Previdência Social durante o Governo Temer (2016-2018) que previa o corte de mais da metade dos benefícios por Auxílio –Doença, e que continua a ser realizado no Governo Bolsonaro (2019-2022).